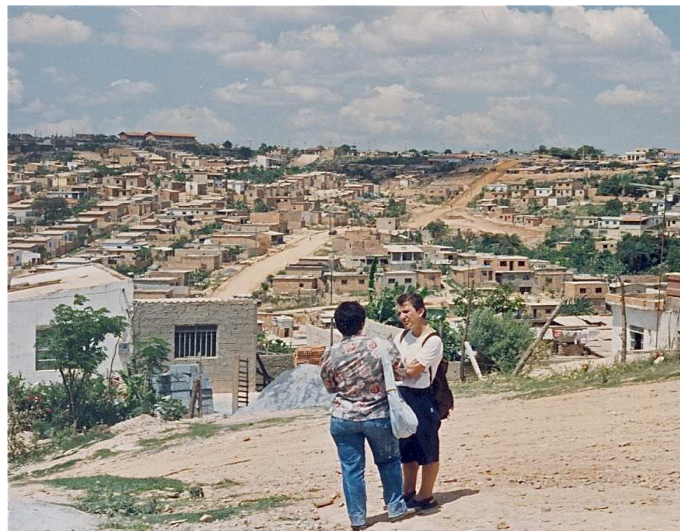


DO IMPREVISTO À OBRA



Cheguei ao Brasil há mais de quarenta anos para dedicar minha vida ao trabalho com as famílias pobres. Não há nada de heróico nisto, simplesmente disse "sim" ao fascínio das pessoas que encontrei na minha juventude, nos anos 1960: um simples "sim" que me levou a percorrer determinado caminho.



Rosa com o povo da favela

Nunca havia pensado em partir em "missão", muito menos em abrir uma escola: somente se obedece à realidade. Quando somos pequenos, obedecemos àquilo que a mãe nos diz, mas mais profundamente se obedece àquilo que a realidade nos dita. Foi assim que aconteceu comigo quando meu pai morreu e eu tinha apenas 4 anos. Era uma realidade da qual queria me afastar e eliminar porque era difícil de aceitar. Depois intuí, é estranho dizê-lo, que em todas essas coisas existia a ternura de Deus. O Senhor se serviu de um fato aparentemente duro para dizer-me: **"Tu és preciosa para mim"** e isto basta.

Por muitos anos, desde minha chegada ao Brasil, trabalhei como empregada nas casas dos pobres nas favelas, lavando, passando e fazendo aquilo que qualquer dona-de-casa faz. Lembro-me de pessoas que, por meio da minha presença com elas, davam-

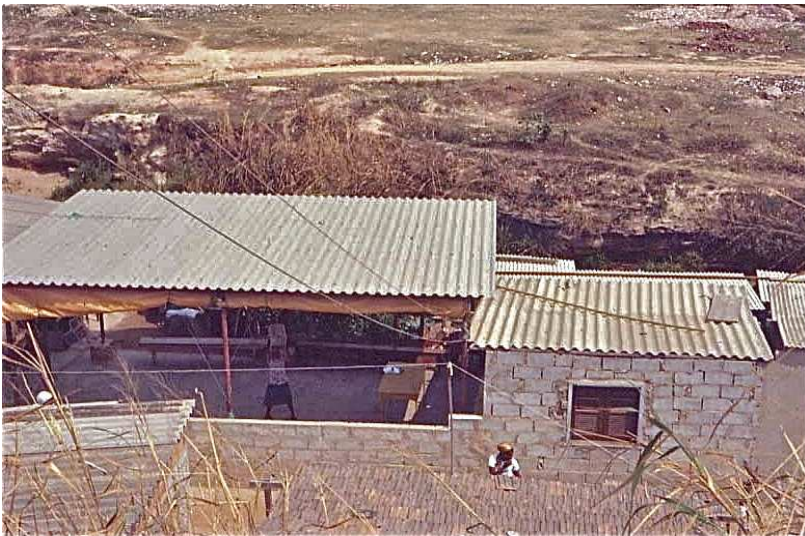


Posto de Saúde da AVSI

se conta de serem amadas, e então me diziam: **"Eu sou uma pessoa"**, isto é, tenho valor. Sendo enfermeira, comecei a trabalhar no ambulatório situado no *Posto de Saúde* nas favelas onde o

Padre Pigi¹ e eu estávamos presentes. Entre as pacientes, muitas eram mães. Vinham e traziam dentro delas uma pergunta. Não me diziam: *"Vamos, me ajude! Tenho crianças, não tenho onde deixá-los se conseguir trabalho"*. Vinham todas as semanas para conversar comigo. Contavam das suas lutas, de estarem sós sem parentes por perto, dos relacionamentos com seus companheiros, situações duríssimas... Eram elas as mães, que proviam tudo o que era necessário para a família; quando tinham algum trabalho e não sabiam a quem confiar as crianças, deixavam-nas trancadas em casa.

Participando dos acontecimentos na vida dessas pessoas, envolvendo-me no



Primeira creche na Favela "Boa União"

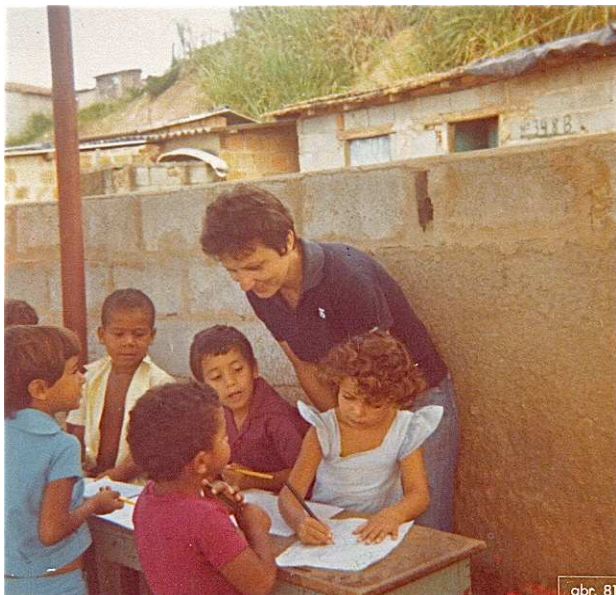
relacionamento com elas, sentindo sobre mim o cansaço das suas vidas, num certo ponto pensei: *"Devo fazer alguma coisa por estas pessoas"*. Junto ao pessoal do ambulatório construímos um salão de seis metros por seis,

para acolher as crianças, com um banheiro e uma cozinha. Para dizer a verdade, no início era apenas um espaço coberto por uma lona amarela.

Não tenho formação de educadora, por isso baseei toda a minha proposta na maneira como fui educada por minha família. Procurava comunicar aquilo que tinha aprendido com minha mãe, com minha professora da escola, com as freiras, com minha convivência com o Padre Giussani e com a sua fidelidade sempre presente ao acompanhar-me. Apesar de me considerar uma *"trabalhadora braçal"*, eu lia livros e pedia materiais didáticos aos meus amigos da Itália. Depois, comecei a procurar

¹ Padre Pierluigi Bernareggi.

colaboradores, sempre do próprio lugar, e os ajudava seja fornecendo os instrumentos didáticos, como dizendo: **"O importante é que vocês estejam aqui e que ao cuidar das crianças, olhem para elas como se fossem únicas no mundo, porque, na verdade, cada criança é única"**.



Rosa e as primeiras crianças

Assim, pouco a pouco, comecei a construir as Obras que existem hoje² e que acolhem no seu complexo mais de mil crianças, graças à ajuda de tantos amigos e padrinhos, como os amigos da Fundação AVSI, Padre Luigi Valentini, Associazione Virgilio Resi, Associazione Orizzonti, Marília Salgado, BDMG Cultural, Milton Gomes, Ângela e Aninha Gutierrez e muitos, muitos outros. Sem a ajuda destes não existiriam estes lugares tão

preciosos para os nossos meninos e suas famílias: para eles, as Obras são sua segunda casa.

As primeiras crianças da creche na Favela "Boa União"



² As Obras Educativas Padre Giussani são compostas por sete entidades: quatro centros para a infância, respectivamente chamados Etelvina Caetano de Jesus, Jardim Felicidade, Dora Ribeiro e Gilmaria Iris; um centro sociocultural chamado Centro Alvorada; uma casa de acolhida, a Casa Novella e um centro esportivo chamado Centro Virgilio Resi, com duas unidades: Felicidade e Providência.

Em todos estes anos, desde 1978, quando nasceu a primeira creche, até hoje, centenas e centenas de crianças passaram desde o berçário (em que chegam com poucos meses) à creche (Centro de Educação Infantil)³, à Socialização Infanto Juvenil⁴, às atividades esportivas e àquelas de inserção ao trabalho, participando da experiência de serem acolhidos e amados.

Nos Centros de Educação Infantil, as crianças recebem cinco refeições diárias e às segundas e sextas-feiras uma porção mais abundante porque, muitas vezes, em casa, durante o final de semana, quase não se alimentam. Elas tomam banho na Obra todos os dias, pois muitas vezes em casa não têm água. Na Socialização Infanto Juvenil, a possibilidade de fazer as tarefas escolares é atividade muito importante, uma vez que em casa muitas delas não têm nem mesmo uma mesinha em que se apoiar para escrever e desenhar.



Casa da Neide (mãe de 5 filhos)

³ Centros de Educação Infantil: acolhem crianças desde o nascimento aos 6 anos divididos em: berçário (0-2 anos), maternal (2-3 anos), 1º período (3-4 anos), 2º período (4-5 anos) e 3º período (5-6 anos).

⁴ Socialização Infanto Juvenil: acolhem crianças e jovens de 6 a 15 anos.

Além disso, ter espaços onde possam correr, brincar e fazer esporte é imprescindível para o desenvolvimento, principalmente dessas crianças que vivem em casas insalubres, de poucos metros quadrados, com um número muito alto de moradores. Todas estas coisas, que podem nos parecer óbvias, ocorrem regularmente.



A realidade das crianças

No entanto, todos esses gestos têm valor não somente naquilo que materialmente representam: alimentação, higiene e instrução. **Todos têm um profundo valor educativo porque são instrumentos do relacionamento que o educador instaura com a criança, por meio do qual a introduz à realidade.**



A educadora Beré e sua turma (2 a 3 anos)

Na verdade, a maneira como se dá o “**banho**” não responde simplesmente à necessidade de limpeza, mas torna-se o momento de relacionamento pessoal entre a educadora e a criança. A criança percebe-se mimada, tratada com doçura e assim sente-se à vontade para falar de si e ser escutada. **É um gesto de afeto exclusivo, por meio do qual a criança toma consciência de si e do próprio corpo, frequentemente pela primeira vez.**



Davi, Larissa e a educadora Renata

Durante a longa jornada que transcorre nas Obras (das 7 horas, quando as mães trazem as crianças para que possam chegar a tempo ao trabalho, às 17 horas, quando



Daniel e a educadora Beré

as buscam), as refeições não satisfazem simplesmente a necessidade que a criança tem de ser alimentada: na verdade, as educadoras oferecem o alimento na boca das menores, uma de cada vez, dando espaço de tempo à cada uma, para que **a criança possa sentir-se “única”**. Para as maiores, o

café e o almoço representam não somente as únicas fontes de nutrição significativas, mas também transmitem a ideia da ordem e das regras da vida.

Todos os gestos do cotidiano fazem parte de uma intenção educativa porque comunicam sempre alguma coisa a mais do que aquilo que realizam: ao se ocupar de uma criança e, sobretudo, no modo como o faz, é como se lhe dissessemos: **"Você é importante para mim, você tem valor"**. E assim, transmite-se que a vida vale a pena ser vivida.



A educadora Rosiane e a Marielle

Em nossas Obras todas **as pessoas que ali trabalham**, não apenas quem tem responsabilidade direta com as crianças, mas também desde quem faz a limpeza, prepara os alimentos àquelas que coordenam, **colaboram com o crescimento e a educação das crianças e dos jovens, porque por meio do modo como desenvolvem o próprio trabalho manifestam o sentido daquilo que fazem**. Uma ação repetitiva, como manter limpo o ambiente ou preparar o alimento, também mostra

uma beleza e contribui para tornar acolhedor o ambiente. **Tudo começa, de verdade, num “olhar”**, como sempre nos lembramos.



Célia (cozinheira) e Beré (educadora)

Muitas vezes, o trabalho da acolhida, cuidado e educação da criança refletem-se e agem indiretamente também na mãe e em toda família, que são tocados pelas experiências de ordem, beleza e afeto vividas pela criança nas Obras.

No momento da saída, entregar à mãe sua criança limpa e penteada (mesmo quando chegou de manhã em condições que não evidenciam nem o mínimo sinal de

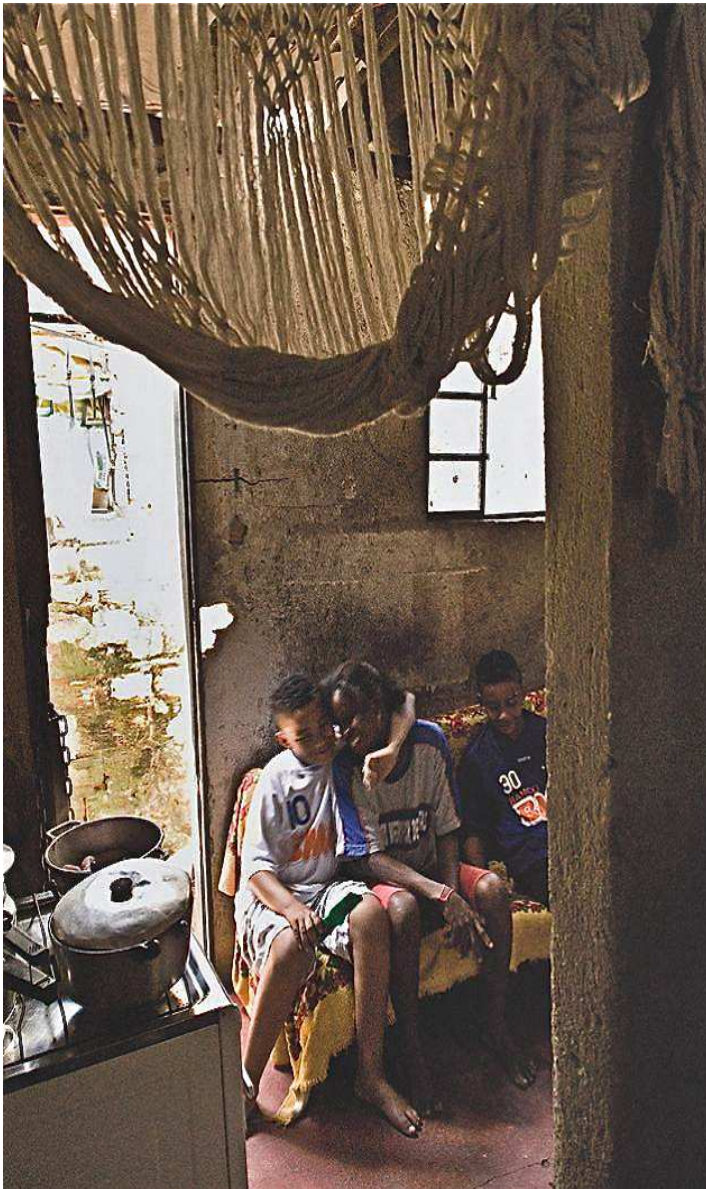


Regina e Hudson (mãe e filho)

cuidado) é a comunicação de uma mensagem importante a ela: **“Veja como é belo o seu filho!”**, suscitando assim uma pergunta: “Por que estas pessoas fazem isto?” **Deste modo, acontece pouco a pouco, o milagre de uma mudança em que também a**

mãe muda o olhar sobre o próprio filho e a incita a começar a se ocupar dele.

Precisamos ter presente, principalmente nos casos onde as figuras dos pais ou da família são julgadas inadequadas, que para a criança aquele homem e aquela mulher são “seu pai e sua mãe” ou “sua avó e seu tio”. Este “seu” vem antes da atribuição de qualquer adjetivo (bom, mau, adequado, inadequado...). **Se a criança não se percebe neste laço de pertencimento, visto que maternidade e paternidade são um dado ontológico, por um lado, ela não é ajudada a viver a sua situação de vida e, por outro, ainda aumenta a sua insegurança.**



Família da Edna

Olhar as famílias não como núcleos frágeis e desestruturados, não como algo que deve receber apoio ou ajuda, mas olhá-las pelo recurso que representam, em qualquer situação que se encontrem, é o ponto de partida para começar a partilhar um projeto comum. **Este caminhar juntos por um projeto comum é a única modalidade em que se pode desenvolver a tarefa educativa,** sendo tal tarefa algo que não pode ser desenvolvida individualmente.

Até o momento, eu disse sobretudo do aspecto dos cuidados, salientando seu valor educativo, porém não queria que se pensasse que não há uma atenção às atividades de

aprendizado. Desde o início, escolhi com cuidado os educadores das crianças, dando o privilégio, mesmo quando a lei brasileira ainda não o previa (o reconhecimento da educação infantil é de 1997, vinte anos depois do início da nossa aventura...), àqueles que tivessem um diploma de estudo adequado, para assim oferecer o melhor para as crianças. Depois, pouco a pouco, com a estruturação do trabalho, coloquei ao lado dos educadores, profissionais que pudessem ajudá-los a aprofundar a proposta.

Tenho a consciência de que **a Beleza salva o mundo** e que o coração dos nossos meninos, nascidos nestas áreas tão pobres e degradadas, têm o desejo infinito que é próprio de todo ser humano, de ser continuamente gerado à vida. Os meninos têm o mesmo desejo, em qualquer lugar do mundo: o de serem ajudados a conhecer a realidade por meio de adultos que os façam encontrar esta possibilidade.



***A educadora
Luciana e
sua turma
(4 a 5 anos)***

O professor “guarda” o sentido, o significado da positividade do real que recebeu em sua vida: ele oferece não a si mesmo, mas por meio dele torna explícita a tradição à qual pertence.

Este é para mim um ponto decisivo: **Antes de tudo, tradição é um sentido**, não somente convenções e hábitos a serem transmitidos. Educar ensinando acontece quando a lição não é transmitir uma série de conteúdos, mas **fazer encontrar e mostrar ao outro aquilo que apaixonava e faz crescer, colocar-se em jogo para que a própria experiência seja um caminho para o outro**, como bem expressa Pier Paolo Pasolini:

**“SE ALGUÉM O TIVESSE EDUCADO,
NÃO PODERIA FAZÊ-LO SENÃO COM O SEU PRÓPRIO SER,
E NÃO COM SUAS PALAVRAS,
MAS COM O SEU AMOR
OU SUA POSSIBILIDADE DE AMAR”.**



Pedro e o educador Marco

Rosetta Brambilla

(Prefácio do Livro: *"Come può il cielo avere tante stelle? Non è solo mezz'ora di canto"* de Marco Aurélio Cardoso de Souza e Paolo Amelio - Ed. Itaca, 2010).